

472

Mucosectomia endoscópica de lesões colorretais gigantes: experiência de um centro especializado e seus resultados a curto e médio prazo

M.B. Giroto, A.C. Santos Nogueira, M.L.d.B. Alves, E.d.A. Coelho Junior, I.L. Rinaldi, M.C. Frare, M.M. Cattini, A.A. Abissamra

Hospital Regional de Presidente Prudente, Presidente Prudente, SP, Brasil

Área: Métodos complementares diagnóstico e terapêutica

Categoria: Pesquisa básica

Forma de Apresentação: Tema Livre (apresentação oral)

Objetivo(s): Trabalho tem por objetivo expor a eficácia, resultados e complicações da Mucosectomia Endoscópica (EMR) em pólipos colorretais gigantes (> 4 cm) realizados em centro especializado.

Método: Todas Mucosectomias Endoscópicas realizadas no serviço entre 2014 a 2019 para pólipos gigantes, sésseis ou pediculados, com seguimento entre 3–36 meses com colonoscopia. Foram avaliadas taxas de ressecção em bloco x piecemeal, localização e histologia das lesões, taxas e formas de complicações do procedimento e taxa de recidiva.

Resultados: Total de 25 pólipos gigantes foram ressecados em 25 pacientes, variaram entre 4-7 cm. Local mais frequente das lesões foi o Reto (40%), seguido pelo Ceco (20%) e Sigmoide (20%). Todas as lesões foram ressecadas em uma única sessão. A técnica que foi predominantemente utilizado foi ressecção em Piece-meal (88%). Das 25 lesões ressecadas, a maioria teve AP benigno (80%), sendo em sua grande parte Adenoma Tubulo-Viloso (76%). Houve 1 caso (4%) de perfuração intestinal no pós-procedimento precoce, onde a paciente necessitou ser submetida à Hemicolectomia Direita para reparo da lesão. Quanto ao seguimento, observou-se taxa de recidiva total de 52% em 36 meses sendo que 38% (5/13) recidivas já foram diagnosticadas nos primeiros 3 meses do procedimento.

Conclusão(ões): EMR é um procedimento com eficácia adequada, com baixa taxa de complicações e recidivas. O seguimento precisa ser feito com controle colonoscópico precoce, e avançado a longo prazo, haja vista o risco, ainda que pequeno de desenvolver recidivas após médio período de tempo (36 meses) de EMR, ainda assim, tal procedimento pode ser empregado como terapia única para a maioria das lesões colorretais gigantes. Ainda, diante do exposto é importante frisar que todas as recidivas foram tratadas com uma nova EMR e, não houve a necessidade de de cirurgia de resgate, nem por malignidade nem por impossibilidade de ressecção endoscópica.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.402>



728

Uma nova classificação para a doença hemorroidária: como o estadiamento bprst pode auxiliar na tomada de decisões

Jr.C.W. Sobrado, C.A. Obregon, L.F. Sobrado, Jr.A.H.S. Sousa, J.A.B. Hora, S.C. Nahas, I. Cecconello

Faculdade de Medicina (FM), Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil

Área: Doenças Anorretais Benignas

Categoria: Pesquisa básica

Forma de Apresentação: Tema Livre (apresentação oral)

Objetivo(s): O tratamento da doença hemorroidária se aprimorou ao longo dos últimos anos, com desenvolvimento de novas técnicas de tratamento cirúrgico e ambulatorial. No entanto, a classificação vigente permanece inalterada, desde sua publicação (em 1980). O objetivo dos autores é apresentar a proposta de uma nova classificação para a doença hemorroidária, bem como seu uso na prática clínica.

Método: Serão apresentadas as justificativas que levaram os autores à criação deste modelo (estadiamento “BPRST” da doença hemorroidária), bem como exemplos de casos acompanhados pelo serviço.

Resultados: Apresentaremos, também, resultados parciais de uma análise retrospectiva de 80 casos operados ao longo dos últimos anos, onde esta classificação é comparada com a vigente (Goligher et al., 1980), no que concerne à capacidade de indicar o tratamento adequado (clínico, procedimentos ambulatoriais, e cirurgias - com ou sem excisão de anoderma).

Conclusão(ões): A classificação BPRST é um modelo que abrange a doença hemorroidária como um todo (interna e externa), e que avalia muitos dos sintomas relatados em consultas ambulatoriais. Ainda são necessários estudos prospectivos para a sua validação. No entanto, os resultados atuais (no que diz respeito à sua praticidade para orientar tratamento) são animadores.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.403>

731

Veneno de abelha no tratamento de metástase óssea de câncer colorretal

I. Dariva, G.C. Zornoff, D.G. Priolli, D.D.C. da Silva, M.G. Santana, G.C. Mendes, J.M. Sciani

Universidade São Francisco (USF), Bragança Paulista, SP, Brasil

Área: Estudos Experimentais Animais em Coloproctologia

Categoria: Pesquisa básica

Forma de Apresentação: Tema Livre (apresentação oral)

Objetivo(s): O câncer colorretal é uma das principais causas de morbimortalidade na sociedade. É o quarto tipo de câncer mais incidente no Brasil e o terceiro em mortes no mundo. Se trata de uma patologia extirpável quando no diagnóstico precoce, no entanto, 21% dos casos são diagnosticados na doença metastática. Essa é vista em aproximadamente 11% dos casos

